



NIAL FERGUSON

CATÁSTROFE

**Uma história
dos desastres –
das guerras às
pandemias – e o
nosso fracasso
em aprender como
lidar com eles**

CRÍTICA

RECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

NIALL FERGUSON

CATÁSTROFE

**Uma história dos desastres – das guerras
às pandemias – e o nosso fracasso em
aprender como lidar com eles**

Tradução
Petê Rissatti

CRÍTICA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Niall Ferguson, 2021
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2021
Copyright © Petê Rissatti
Título original: *Doom: The Politics of Catastrophe*
Todos os direitos reservados.

PREPARAÇÃO: Denise Morgado
REVISÃO: Eliana Rocha e Nine Editorial
DIAGRAMAÇÃO: Nine Editorial
CAPA: Daniel Justi

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Ferguson, Niall
Catástrofe: uma história dos desastres – das guerras às pandemias – e o nosso fracasso em aprender como lidar com eles / Niall Ferguson; tradução de Petê Rissatti. São Paulo: Planeta, 2021.
544 p.

ISBN 978-65-5535-481-2
Título original: *Doom: The Politics of Catastrophe*

1. Desastres – História 2. Covid-19 (Doença) 3. Desastres – Aspectos políticos I. Título II. Rissatti, Petê

21-3382

CDD 904

Índice para catálogo sistemático:
1. Desastres – História



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2021
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

O SIGNIFICADO DA MORTE

Mas a morte, essa justiceira cruel, é inexorável nos seus prazos.

—Hamlet

TODOS ESTAMOS CONDENADOS

“Estamos condenados.” Esta fala, proferida pela Cassandra da Caledônia da *sitcom* da televisão britânica *Dad’s Army*, o soldado James Frazer, era uma das piadas correntes da minha juventude. O truque era dizer isso no momento mais incongruente possível – quando o leite acabasse ou você perdesse o último ônibus para casa. Há uma cena maravilhosa em um episódio (“Convidados indesejados”), quando Frazer – interpretado pelo grande John Laurie – conta aos outros membros de seu pelotão da Guarda Nacional uma história horripilante sobre uma maldição. Quando jovem, ele ficara ancorado em uma pequena ilha perto de Samoa, onde – de acordo com seu amigo Jethro – havia um templo em ruínas, ao lado do qual ficava um ídolo decorado com um rubi gigante “do tamanho de um ovo de pato”. Eles partiram para roubar o rubi, abrindo caminho pela densa floresta. Mas, assim que Jethro colocou as mãos sobre ele, foram confrontados por um feiticeiro, que amaldiçoou Jethro com as palavras “MORTE! O RUBI TRARÁ A MORTE PARA VOCÊ! MO-R-TE”.

SOLDADO PIKE: A maldição se tornou realidade, sr. Frazer?

SOLDADO FRAZER: Sim, filho, sim. Ele morreu... ano passado... tinha 86 anos.

Estamos todos condenados, se não necessariamente amaldiçoados. Devo estar morto, no mais tardar, em 2056. Minha expectativa de vida adicional aos 56 anos e 2 meses é, de acordo com a Administração da Previdência Social, 26,2 anos, o que me levaria a 82, quatro anos menos do que o amigo amaldiçoado de Frazer. De forma mais encorajadora, a Secretaria de Estatísticas Nacionais do Reino Unido dá a um homem da minha idade dois anos adicionais, com uma chance em quatro de chegar a 92. Para ver se eu poderia melhorar esses números, consultei a calculadora de expectativa de vida dos cem anos, que baseia sua estimativa em um questionário detalhado sobre o estilo de vida e a história familiar de uma pessoa. A calculadora me disse que provavelmente não chegaria a um século, mas tinha uma chance real de viver mais 36 anos.¹ Claro, a história pode ser outra se eu tiver pegado Covid-19, uma doença que tem uma taxa de mortalidade de 1% ou 2% para a minha faixa etária, e talvez um pouco mais alta se levarmos em consideração minha asma leve.

Morrer aos 56 anos certamente seria uma decepção, mas seria um bom resultado para os padrões da maioria dos 107 bilhões de seres humanos que já viveram. No Reino Unido, onde nasci, a expectativa de vida ao nascer não chegava a 56 até 1920, exatamente cem anos atrás. A média de todo o período de 1543 a 1863 foi de pouco menos de 40 anos. E o Reino Unido destacou-se por sua longevidade. As estimativas para o mundo como um todo colocam a expectativa de vida abaixo de 30 anos até 1900, quando chegou a 32, e abaixo de 50 até 1960. A expectativa de vida dos índios era de apenas 23 anos em 1911. A expectativa de vida na Rússia caiu para o ponto mais baixo de 20 em 1920. Houve uma tendência ascendente sustentada ao longo do século passado – a expectativa de vida ao nascer praticamente dobrou entre 1913 e 2006 –, mas com vários contratemplos. A expectativa de vida na Somália hoje é de 56 anos: a minha idade.² Lá ainda é baixa, em parte porque a mortalidade infantil é muito alta. Cerca de 12,2% das crianças nascidas na Somália morrem antes de atingirem a idade de 5 anos; 2,5% morrem entre as idades de 5 e 14 anos.³

Quando tento colocar minha experiência da condição humana em perspectiva, penso no poeta jacobino John Donne (1572-1631), que viveu até os

59 anos. No espaço de dezesseis anos, Anne Donne deu à luz doze filhos. Três deles – Francisco, Nicolau e Maria – morreram antes dos 10 anos. A própria Anne morreu depois de dar à luz o décimo segundo filho, este natimorto. Depois que sua filha favorita, Lucy, morreu e ele mesmo quase a seguiu até o túmulo, Donne escreveu seu “Devoções para ocasiões emergentes” (1624), que contém a maior de todas as exortações para lamentar os mortos: “A morte de cada *homem* diminui-me, porque eu faço parte da *humanidade*; eis porque nunca pergunto por quem dobram os *sinos*: é por *mim*”.

O artista napolitano Salvator Rosa pintou talvez o mais comovente de todo o *memento mori*, intitulado simplesmente *L'umana fragilità* (*A fragilidade humana*). Foi inspirado por um surto de peste bubônica que atingiu sua cidade natal, Nápoles, em 1655, ceifando a vida de seu filho pequeno, Rosalvo, além de levar embora o irmão de Salvator, sua irmã, o marido dela e cinco de seus filhos. Com um sorriso horrendo, um esqueleto alado sai da escuridão atrás da amante de Rosa, Lucrécia, para reivindicar seu filho, ainda quando ele está fazendo sua primeira tentativa de escrever. O estado de espírito do artista de coração partido se resume imortalmente nas oito palavras latinas que o bebê, guiado pela figura esquelética, inscreveu na tela:

Conceptio culpa

Nasci pena

Labor vita

Necesse Mori

“A concepção é pecado, o nascimento é dor, a vida é labuta, a morte é inevitável.” Ainda me lembro de ter ficado pasmo quando, em minha primeira visita ao Museu Fitzwilliam, em Cambridge, li essas palavras. Ali estava a condição humana, reduzida ao seu sombrio essencial. Segundo todos os relatos, Rosa era um homem alegre, que também escreveu e atuou em peças satíricas e mascaradas. Mais ou menos na época da morte de seu filho, no entanto, ele escreveu a um amigo: “Desta vez, o céu me atingiu de uma maneira que me mostra que todos os remédios humanos são inúteis e que a menor dor que sinto é quando digo que eu choro enquanto escrevo”.⁴ Ele próprio morreu de hidropisia aos 58 anos.

A morte era onipresente no mundo medieval e no início da modernidade de uma forma que temos dificuldade de imaginar. Como Philippe Ariès afirmou

em *O homem diante da morte*, ela foi “domada” por ser, como o casamento e até mesmo o parto, um rito social de passagem, compartilhado com a família e a comunidade e seguido por ritos funerários e de luto que ofereciam consolos familiares aos enlutados. A partir do século XVII, porém, as posturas mudaram. À medida que a mortalidade se tornava mais desconcertante, mesmo quando suas causas eram mais bem compreendidas, as sociedades ocidentais começaram a criar uma certa distância entre os vivos e os mortos. Enquanto os vitorianos sentimentalizavam e romantizavam excessivamente a morte – criando na literatura “belas mortes” que tinham cada vez menos relação com a coisa real –, o século XX negou o “fim da vida”. Surgiu o que Ariès chamou de “um tipo absolutamente novo de morrer”, que transfere os moribundos para hospitais e asilos e garante que o momento da expiração fique discretamente escondido atrás de telas.⁵ Os norte-americanos evitam o verbo “morrer”. As pessoas “passam.” Evelyn Waugh satirizou cruelmente esse jeito norte-americano de morte em *O bem-amado* (1948), inspirado por uma infeliz estada em Hollywood.

No entanto, o modo de morte britânico é apenas um pouco melhor. Em *O sentido da vida*, a morte é uma enorme gafe. O Ceifador – John Cleese, envolto em uma capa preta – chega a uma pitoresca casa de campo inglesa onde três casais estão no meio de um jantar:

CEIFADOR: Eu sou a morte.

DEBBIE: Ora, isso não é extraordinário? Estávamos conversando sobre a morte apenas cinco minutos atrás...

CEIFADOR: Silêncio! Vim buscar vocês.

ANGELA: Você quer dizer... para...

CEIFADOR: Levar vocês embora. Esse é o meu propósito. Eu sou a morte.

GEOFFREY: Bem, isso lança um tom bem melancólico sobre a noite, não é?...

DEBBIE: Posso lhe fazer uma pergunta?

CEIFADOR: Qual?

DEBBIE: Como podemos todos ter morrido ao mesmo tempo?

CEIFADOR: (*Após longa pausa, aponta o dedo para a travessa*) A mousse de salmão.

GEOFFREY: Querida, você não usou salmão enlatado, usou?

ANGELA: Ai, que vergonha.

O ESCHATON IMINENTE

A cada ano, em todo o mundo, cerca de 59 milhões de pessoas morrem – quase toda a população do mundo na época em que o rei Davi governava os israelitas. Em outras palavras, cerca de 160 mil pessoas morrem a cada dia – o equivalente a uma Oxford ou três Palo Alto. Cerca de 60% dos que morrem têm 65 anos ou mais. No primeiro semestre de 2020, cerca de 510 mil pessoas em todo o mundo morreram dessa nova doença, a Covid-19. Cada morte é uma tragédia, como veremos. Mas, mesmo que nenhuma dessas pessoas tivesse morrido de qualquer maneira – o que é improvável, dado o perfil da idade dos mortos –, isso representa apenas um aumento modesto (1,8%) no total de mortes esperadas para o primeiro semestre de 2020. Em 2018, 2,84 milhões de norte-americanos morreram, então cerca de 236 mil morreram por mês e 7.800 por dia. Três quartos dos que morreram tinham 65 anos ou mais. De longe, as maiores causas de morte foram as doenças cardíacas e o câncer, responsáveis por 44% do total. Na primeira metade de 2020, de acordo com o Centro de Controle e Prevenção de Doenças, havia 130.122 mortes norte-americanas registradas como “envolvendo Covid19”. No entanto, o excesso de mortalidade total (acima do normal) por todas as causas foi próximo a 170 mil. Se nenhuma dessas pessoas tivesse morrido de qualquer maneira – mais uma vez improvável –, isso representaria um aumento de 11% nas mortes naquele período acima do padrão oriundas das médias recentes.

Estamos todos condenados, então, mesmo que os cientistas médicos consigam estender ainda mais a expectativa de vida – como alguns preveem, além de um século. Apesar da busca contínua por soluções para o problema de que a vida é uma condição terminal,⁶ a imortalidade continua sendo um sonho – ou, como Jorge Luis Borges insinuou no conto “O imortal”, um pesadelo.⁷ Mas também estamos condenados, coletivamente, como espécie? A resposta é sim.

A vida – como nossa mãe, formada em física, nunca se cansava de lembrar a mim e minha irmã – é um acidente cósmico, visão também defendida por físicos mais conhecidos, como Murray Gell-Mann.⁸ Nosso universo começou 13,7 bilhões de anos atrás, no que os físicos chamam de Big Bang. Em nosso planeta, com a ajuda de raios ultravioleta e relâmpagos, os elementos químicos da vida se desenvolveram, levando à primeira célula viva 3,5 a 4 bilhões de anos atrás. Ao longo do 1,2 bilhão de anos seguinte, a reprodução sexuada por organismos multicelulares simples desencadeou ondas de inovação evolutiva.

Há cerca de seis milhões de anos, uma mutação genética nos chimpanzés deu origem aos primeiros macacos semelhantes aos humanos. O *Homo sapiens* apareceu muito recentemente, duzentos a cem mil anos atrás, dominou outros tipos humanos há cerca de trinta mil anos e se espalhou para a maior parte do planeta por volta de treze mil anos atrás.⁹ Muitas coisas tinham de estar certas para chegarmos a esse ponto. Mas as condições “Cachinhos Dourados” em que prosperamos não podem durar indefinidamente. Até o momento, cerca de 99,9% de todas as espécies que já habitaram a Terra se extinguíram.

Em outras palavras, para citar Nick Bostrom e Milan M. Ćirković, “a extinção de espécies inteligentes já aconteceu na Terra, sugerindo que seria ingênuo pensar que isso pode não acontecer novamente”.¹⁰ Mesmo se evitarmos o destino dos dinossauros e dos dodôs, “em cerca de 3,5 bilhões de anos, a crescente luminosidade do sol terá essencialmente esterilizado a biosfera da Terra, mas o fim da vida complexa na Terra está programada para chegar mais cedo, talvez 0,9-1,5 bilhão de anos a partir de agora”, uma vez que as condições, então, terão se tornado intoleráveis para qualquer ser semelhante a nós. “Este é o destino-padrão para a vida em nosso planeta.”¹¹ É concebível que possamos ser capazes de encontrar outro planeta habitável se resolvermos o problema da viagem intergaláctica, que envolve distâncias quase inimaginavelmente vastas. Mesmo assim, ficaremos sem tempo, já que as últimas estrelas morrerão em aproximadamente cem trilhões de anos a partir de agora, após o que a própria matéria se desintegrará em seus constituintes básicos.

O pensamento de que, como espécie, podemos ter cerca de um bilhão de anos restantes na Terra deve ser reconfortante. E, no entanto, muitos de nós parecem desejar que o dia do juízo final chegue muito antes disso. O “fim dos tempos”, ou eschaton (do grego *eskhatos*), é uma característica da maioria das principais religiões do mundo, incluindo a mais antiga, o zoroastrismo. O Bahman Yasht prevê não apenas quebras de safra e uma decadência moral geral, mas também “uma nuvem preta [que] escurece todo o céu” e uma chuva de “criaturas nocivas”. Embora a escatologia hindu assuma vastos ciclos de tempo, espera-se que aquele atualmente em curso, Kali Yuga, termine violentamente, quando Kalki, a encarnação final de Vishnu, descer em um cavalo branco à frente de um exército para “estabelecer a justiça sobre a terra”. No budismo, também existem cenas apocalípticas. Gautama Buda profetizou que, após cinco mil anos, seus ensinamentos seriam esquecidos, levando à degeneração moral da humanidade. Um bodisatva chamado Maitreya,

então, apareceria e redescobriria o ensinamento do *dharma*, após o qual o mundo seria destruído pelos raios mortais de sete sóis. A mitologia nórdica também tem seu *Ragnarök* (crepúsculo dos deuses), no qual um grande inverno devastador (*Fimbulvetr*) mergulhará o mundo na escuridão e no desespero. Os deuses lutarão até a morte com as forças do caos, gigantes do fogo e outras criaturas mágicas (*Jötunn*). No final, o oceano submergirá completamente o mundo. (Os devotos de Wagner viram uma versão disso em seu *Crepúsculo dos deuses*.)

Em cada uma dessas religiões, a destruição é o prelúdio do renascimento. As religiões abraâmicas, ao contrário, têm uma cosmologia linear: o fim dos dias realmente é o fim. O judaísmo prevê uma era messiânica com o retorno da diáspora judaica exilada a Israel, a vinda do messias e a ressurreição dos mortos. O cristianismo – a fé estabelecida pelos seguidores de um homem que afirmava ser o messias – oferece uma versão muito mais rica do eschaton. Antes da segunda vinda de Cristo (*parúsia*), como o próprio Jesus disse aos seus seguidores, haveria um tempo de “grande tribulação” (Mateus 24: 15-22), “aflição” (Marcos 13: 19) ou “dias de vingança” (Lucas 21: 10-33 oferece a maior parte dos detalhes dos Evangelhos). O Apocalipse de São João oferece talvez a mais impressionante de todas as visões de condenação – de uma guerra no céu entre Miguel, seus anjos e Satanás, e um interlúdio em que ele seria derrubado e amarrado por mil anos, após o qual Cristo reinaria por um milênio com mártires ressuscitados ao seu lado, apenas para a Prostituta da Babilônia, embriagada com o sangue dos santos, aparecer em cima de uma besta escarlate, e uma grande batalha ser travada no Armagedom. Depois disso, Satanás seria libertado, então lançado em um lago de enxofre ardente e, finalmente, os mortos seriam julgados por Cristo e os indignos lançados no lago de fogo. A descrição dos quatro cavaleiros do Apocalipse é surpreendente:

Depois, vi o Cordeiro abrir o primeiro selo e ouvi um dos quatro Animais clamar com voz de trovão: Vem! Vi aparecer então um cavalo branco. O seu cavaleiro tinha um arco; foi-lhe dada uma coroa e ele partiu como vencedor para tornar a vencer.

Quando abriu o segundo selo, ouvi o segundo Animal clamar: Vem! Partiu então outro cavalo, vermelho. A quem o montava foi dado tirar a paz da Terra, de modo os homens se matassem uns aos outros; e foi-lhe dada uma grande espada.

Quando abriu o terceiro selo, ouvi o terceiro Animal clamar: Vem! E vi aparecer um cavalo preto. Seu cavaleiro tinha uma balança na mão.

Ouvi então como que uma voz no meio dos quatro Animais: “Uma medida de trigo por um denário, e três medidas de cevada por um denário; mas não danifique o azeite e o vinho!”.

E quando abriu o quarto selo, ouvi a voz do quarto Animal dizer: Vem!

Eu vi aparecer um cavalo esverdeado. Seu cavaleiro tinha por nome Morte; e a região dos mortos o seguia. Foi-lhe dado poder sobre a quarta parte da Terra, para matar pela espada, pela fome, pela peste e pelas feras. (Apocalipse 6: 1-8)

O dia da ira é anunciado por um grande terremoto, um eclipse do sol e uma lua de sangue. As estrelas caem na Terra, e as montanhas e ilhas são “removidas de seus lugares”.

Uma característica inteligente do eschaton cristão foi a incerteza que Cristo deixou na mente de seus discípulos sobre o tempo deles: “Quanto àquele dia e àquela hora, ninguém o sabe, nem mesmo os anjos do céu, mas somente meu Pai” (Mateus 24: 36)”.



Albrecht Dürer, *Os quatro cavaleiros do Apocalipse* (1498).

A destruição de Jerusalém em 70 d.C. pelas mãos de Tito foi interpretada pelos primeiros cristãos como cumprimento da profecia de Jesus de que o Segundo Templo seria destruído, mas os eventos espetaculares subsequentes que Cristo profetizou não se concretizaram.¹² Na época de Santo Agostinho, parecia prudente minimizar o milênio, como fez em *A cidade de Deus* (426 d.C.), remetendo-o ao reino do incognoscível e (implicitamente) remoto.

Talvez o declínio do milenarismo cristão ajude a explicar o impacto revolucionário da nova religião de Maomé quando surgiu no deserto da Arábia no século VII. Em vários aspectos, o islã simplesmente limpou as partes mais emocionantes do Apocalipse. Em Meca, Maomé ensinou a seus seguidores que o dia do julgamento seria precedido pelo aparecimento do caolho al-Masih ad-Dajjāl (o falso messias), com uma comitiva de 70 mil judeus de Isfahan. Isa (Jesus), então, descerá para triunfar sobre o falso messias. Na doutrina sunita, o *ashrāt al-sā'a* – as condições da hora – incluiria uma enorme nuvem preta de fumaça (*dukhān*) cobrindo a Terra, uma sucessão de afundamentos da terra e o aparecimento de Ya'jūj e Ma'jūj (Gog e Magog), que devastam a Terra e massacram os crentes. Depois que Alá eliminasse Gog e Magog, o sol nasceria do oeste, o Dābbat al-Ard (“Besta da Terra”) se levantaria do solo e, após o soar da trombeta divina, os mortos também se levantariam (*al-Qiyāmah*) para o julgamento final (*Yawm al-Hisāb*). Quando essa profecia falhou em se cumprir, no entanto, Maomé impacientemente mudou da redenção para o imperialismo. Alá, afirmou ele em Medina, queria que os muçulmanos preservassem sua honra punindo os incrédulos – deixando de aguardar o dia do julgamento para agilizá-lo com atos de *jihad*.¹³ A escatologia xiita é amplamente semelhante à sunita, mas com o retorno do décimo segundo imã, Muhammad al-Mahdi, previsto após um período de declínio da moralidade e da modéstia.

Para os cristãos, as conquistas islâmicas do Oriente Próximo e do Norte da África foram apenas as maiores de uma série de ameaças terríveis – *vikings*, magiares e mongóis também ameaçavam a cristandade. Esses e outros desastres foram interpretados por alguns como insinuações do fim dos tempos; a escatologia cristã nunca retrocedeu totalmente. Joaquim de Fiore (1135-1202) dividiu a história em três idades, das quais a terceira seria a última. Da mesma forma, na esteira da peste negra da década de 1340 – considerando sua taxa de mortalidade a maior calamidade já sofrida pelos cristãos –, houve aqueles que inferiram que o fim estava próximo. Em 1356, um monge franciscano chamado

Joan de Rocatallada escreveu *Vademecum in tribulationibus*, profetizando uma época de problemas na Europa, que apresentaria convulsões sociais, tempestades, inundações e mais pragas.¹⁴ Visões quase revolucionárias semelhantes inspiraram os taboritas na Boêmia de 1420 e as profecias do franciscano Johann Hilten de 1485 sobre o crepúsculo do papado.¹⁵ E, novamente, na esteira do desafio marcante de Martinho Lutero à hierarquia eclesiástica, o milenarismo deu a seitas tão diversas quanto os anabatistas, os escavadores e os niveladores a confiança para desafiar a autoridade estabelecida. Embora a busca pelo milênio tenha diminuído no século XVIII, ela reviveu nos séculos XIX e XX, quando alguns seguidores do profeta William Miller, mais tarde conhecidos como os Adventistas do Sétimo Dia, estabeleceram uma nova igreja, com uma doutrina fortemente milenarista, que antecipou o fim do mundo em 1844. (Os milleritas referiram-se à sobrevivência da humanidade naquele ano como “a Grande Decepção”.) Tanto Testemunhas de Jeová quanto os membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (mórmons) têm seus próprios pontos de vista distintos sobre a iminência do eschaton. Numerosos líderes de cultos modernos persuadiram seus seguidores de que o fim estava próximo. Vários – principalmente Jim Jones, David Koresh e Marshall Applewhite – alcançaram apocalipses localizados na forma de suicídios em massa.

O fim do mundo, em suma, tem sido uma característica notavelmente recorrente da história registrada.

DIAS DE CONDENAÇÃO

Pode-se pensar que o avanço da ciência acabaria por libertar os seres humanos da escatologia religiosa e pseudorreligiosa. Não necessariamente. Como disse o sociólogo James Hughes, poucos de nós somos “imunes aos preconceitos milenares, positivos ou negativos, fatalistas ou messiânicos”.¹⁶ Há pouco mais de um século, quando a primeira guerra verdadeiramente industrializada chegou ao fim – uma guerra travada com tanques, aviões, submarinos e gás venenoso –, houve aparições da Virgem Maria na aldeia portuguesa de Fátima, uma batalha no Armagedom (Megido, na atual Palestina), a proclamação de um lar judeu na Terra Santa, uma ofensiva alemã em homenagem ao Arcanjo Miguel e uma pandemia global mais letal que a própria guerra.¹⁷ Um dos muitos indícios de um apocalipse iminente foi a ascensão ao poder de Vladimir Ilitch Lênin, que desencadeou uma onda de violência anticlerical e iconoclástica em todo o

Império Russo.¹⁸ Como o jornal *The New York Times* relatou em 21 de junho de 1919, Lênin era amplamente visto pelos camponeses russos como “ninguém menos que o anticristo vaticinado nas Escrituras”.¹⁹

Para o teórico político Eric Voegelin, nascido em Colônia, a realidade era que o comunismo, assim como o nazismo do qual ele teve de fugir em 1938, era baseado em uma interpretação utópica e falha do cristianismo. Voegelin definiu “gnose” como “uma suposta apreensão ou visão direta e imediata da verdade sem a necessidade de reflexão crítica; o presente especial de uma elite espiritual e cognitiva”. Quando assumiu a forma de uma religião política, abrigou uma ambição perigosa e equivocada de “imanentizar a escatologia” – em outras palavras, criar um paraíso na Terra.²⁰ Os gnósticos modernos de Voegelin buscaram a “redivinização da sociedade... substituindo a fé no sentido cristão por modos mais massivos de participação na divindade”.²¹ (Voegelin especulou que essa mudança para “participação maciça” poderia ser uma resposta à dificuldade absoluta de sustentar uma fé cristã autêntica.²²) Escrevendo mais recentemente, mas com espírito semelhante, o historiador Richard Landes detectou o mesmo impulso em uma ampla gama de movimentos milenaristas históricos e modernos, incluindo o jihadismo salafista e o ambientalismo radical.²³

Longe de deslocar o eschaton, a ciência parecia trazê-lo para mais perto. Quando J. Robert Oppenheimer testemunhou a primeira explosão atômica em White Sands, Novo México, ele notoriamente pensou nas palavras de Krishna, no “Bhagavad Gita” (a “Canção hindu do Senhor”): “Eu me tornei a Morte, a destruidora de mundos”.²⁴ No início da Guerra Fria, a artista Martyl Langsdorf, cujo marido foi uma figura-chave no Projeto Manhattan, pensou na imagem de um “Relógio do Juízo Final”.²⁵ Apareceu pela primeira vez no *Bulletin of the Atomic Scientists* para ilustrar o medo de muitos físicos – incluindo alguns que estiveram envolvidos na criação da bomba atômica – de que uma “catástrofe induzida pela tecnologia” podia estar terrivelmente próxima. A meia-noite do Relógio do Juízo Final significava o Armagedom nuclear. Por muitos anos, foi o editor desse periódico, Eugene Rabinowitch, quem decidia onde ficavam os ponteiros do relógio. Após sua morte, um comitê assumiu o controle, reunindo-se duas vezes por ano para ajustar o relógio. Durante a Guerra Fria, o mais próximo que chegou da meia-noite foi nos anos de 1953 a 1959, quando o Relógio do Juízo Final foi movido para dois minutos antes da meia-noite. Os cientistas também pensaram que os anos de 1984 a 1987 estavam repletos de

perigos: ficaram faltando três minutos para a meia-noite durante quatro anos consecutivos. A literatura popular refletia essas ansiedades. Em *A hora final*, de Nevil Shute (1957), o ano é 1963, e o povo de Melbourne, impotente, espera uma nuvem letal de precipitação radioativa no rescaldo da Terceira Guerra Mundial, que foi desencadeada, de forma um tanto implausível, por um ataque nuclear albanês na Itália. As opções são embriagar-se e tomar uma pílula suicida fornecida pelo governo. Na *graphic novel* de Raymond Briggs *Quando o vento sopra* (1982), um casal de idosos, Jim e Hilda Bloggs, construiu zelosamente um abrigo antiprecipitação, agindo como se fosse possível sobreviver à Terceira Guerra Mundial como foi com a Segunda Guerra.

No entanto, a confiabilidade do Relógio do Juízo Final é questionável. Os historiadores de hoje concordam que o momento mais perigoso da Guerra Fria foi a crise dos mísseis cubanos. Mas o Relógio do Juízo Final marcou sete minutos para a meia-noite ao longo de 1962, e voltou às 23h48 do ano seguinte, permanecendo lá mesmo quando o presidente Lyndon B. Johnson aumentou o envolvimento norte-americano na Guerra do Vietnã. Notavelmente, os cientistas atômicos decidiram que estávamos de volta a dois minutos do Armagedom em janeiro de 2018,²⁶ e dois anos depois avançaram o relógio para cem segundos para a meia-noite, com a justificativa de que “a humanidade continua a enfrentar dois perigos existenciais simultâneos – guerra nuclear e mudança climática –, que são agravados por um multiplicador de ameaças, guerra de informação cibernética, que prejudica a capacidade da sociedade de reagir. A situação da segurança internacional é terrível, não apenas porque essas ameaças existem, mas porque os líderes mundiais permitiram que a infraestrutura política internacional para as gerenciar se desgastasse”.²⁷ De alguma forma, a desgraça de hoje é sempre melhor que a do ano passado.

O pesadelo da guerra nuclear não foi a única visão apocalíptica a assombrar o mundo da Guerra Fria. Dos anos 1960 até os anos 1980, o medo da superpopulação global levou a uma sucessão de esforços, em sua maioria mal orientados e muitas vezes francamente prejudiciais, para “controlar” a reprodução no então chamado Terceiro Mundo. Stephen Enke, da RAND Corporation, afirmava que pagar aos pobres para concordar com a esterilização ou a inserção de dispositivos intrauterinos (DIU) seria 250 vezes mais eficaz na promoção do desenvolvimento do que outras formas de ajuda. *The Population Bomb*, livro encomendado pelo Sierra Club, previu fome em massa na década de 1970,

com escassez devastadora matando centenas de milhões de pessoas. Lyndon Johnson ficou convencido, como a maioria dos membros do Congresso, o que aumentou em vinte vezes o orçamento para planejamento familiar da Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional. Como presidente do Banco Mundial, o ex-secretário de defesa Robert McNamara declarou em 1969 que o banco não financiaria a saúde “a menos que estivesse estritamente relacionada ao controle populacional, porque geralmente as unidades de saúde contribuíam para o declínio da taxa de mortalidade e, portanto, para a explosão populacional”. Algumas instituições americanas – incluindo a Ford Foundation e o Population Council – brincaram com a ideia da esterilização involuntária em massa de populações inteiras. As consequências trazem mais uma ilustração de que pessoas convencidas de um apocalipse iminente imaginário podem causar muitos danos reais. Encorajar, se não mesmo forçar, as mulheres indianas a aceitarem o DIU e os homens indianos a aceitarem a vasectomia ocasionou muito sofrimento. No auge da Emergência Indiana de meados dos anos 1970, o governo de Indira Gandhi realizou mais de oito milhões de esterilizações. Quase duas mil pessoas morreram devido a operações malsucedidas. As Nações Unidas também apoiaram a administração ainda mais brutal da “política do filho único” do Partido Comunista Chinês.²⁸ Em retrospecto, a solução para o problema do aumento da população não foi a esterilização em massa, mas a “Revolução Verde” em tecnologia agrícola, iniciada por agrônomos como Norman Borlaug.

Os milenaristas de hoje são os profetas das mudanças climáticas catastróficas. “Por volta de 2030”, escreveu a ambientalista sueca Greta Thunberg, “estaremos em posição de desencadear uma reação em cadeia irreversível além do controle humano que levará ao fim de nossa civilização como a conhecemos”.²⁹ “O mundo vai acabar em doze anos se não resolvermos as mudanças climáticas”, profetizou a congressista democrata Alexandria Ocasio-Cortez em 2019.³⁰ O surgimento de Greta Thunberg como personificação do ambientalismo radical relembra formas passadas de escatologia, não apenas na severidade dos sacrifícios que ela exige. “Não precisamos de uma ‘economia de baixo carbono’”, declarou ela no Fórum Econômico Mundial em janeiro de 2020. “Não precisamos ‘reduzir as emissões’. Nossas emissões precisam parar se quisermos ter a chance de ficar abaixo de 1,5 grau da meta... Qualquer plano ou política que não inclua cortes radicais de emissões na fonte, a partir de hoje, é completamente

insuficiente.”³¹ A nova “Revolução Verde” – ou Novo Acordo Verde – proposta por Alexandria Ocasio-Cortez, Greta Thunberg e outros implica uma redução drástica em toda a emissão do CO₂, sem levar em conta os custos econômicos e sociais. Voltaremos a este assunto a seguir; por ora, basta dizer que os avisos do fim iminente do mundo correm o risco de se tornar (como o grito de “Lobo!” na história infantil) menos críveis com a repetição.



“Agora é o fim, pereça o mundo!”

O elenco de *The Beyond the Fringe* se preparando para o fim dos tempos.

O fato inescapável permanece: profetas milenaristas, perseguidores gnósticos do eschaton, cientistas que alertam sobre a calamidade e autores que a imaginam – todos esses grupos juntos conseguiram prever nada menos que cem dos últimos zero fins do mundo. Na comédia de revista *The Beyond the Fringe* (1961), Peter Cook interpreta o irmão Enim, um profeta que conduziu seus seguidores ao topo de uma montanha para aguardar o Apocalipse:

JONATHAN MILLER: Como será esse fim de que falou, irmão Enim?

TODOS: Sim, como vai ser?

PETER COOK: Bem, será como se houvesse um grande rasgo no céu, entende? As montanhas afundarão, os vales se elevarão, e grande será o seu tumulto, percebe?

MILLER: O véu do templo se rasgará em dois?

COOK: O véu do templo será rasgado em dois cerca de dois minutos antes de vermos o sinal da cabeça de besta voadora manifesta no céu.

ALAN BENNETT: E haverá um vento forte, irmão Enim?

COOK: Certamente haverá um vento forte, se a palavra de Deus puder ser seguida...

DUDLEY MOORE: E esse vento será tão poderoso a ponto de abaixar as montanhas da Terra?

COOK: Não, não será tão poderoso assim – é por isso que subimos na montanha, seu idiota...

MILLER: Quando será esse fim de que falou?

TODOS: Sim, quando será, quando será?

COOK: Em cerca de trinta segundos, de acordo com os antigos pergaminhos piramidais... e com o meu relógio Ingersoll.

O profeta e seus seguidores compõem-se para o fim do mundo e fazem a contagem regressiva:

COOK: Cinco, quatro, três, dois, um – zero!

TODOS: *(Cantando)* Agora é o fim – pereça o mundo!

Uma pausa.

COOK: Foi no Horário de Greenwich, não foi?

MILLER: Sim.

COOK: Bem, não é bem a conflagração que eu esperava. Não se preocupem, rapazes, amanhã à mesma hora... deveremos ter um vencedor algum dia.

AS ESTATÍSTICAS DA CALAMIDADE

O que realmente devemos temer são as grandes catástrofes que não matam a todos nós, mas apenas a um grande número de nós. O problema é que lutamos para conceituar a escala potencial dos desastres e sua probabilidade. “Uma morte é uma tragédia; um milhão é uma estatística.” Esse aforismo é

convencionalmente creditado a Stálin, uma atribuição que pode ser rastreada até uma coluna de Leonard Lyons de 1947 no *Washington Post*:

Nos dias em que Stálin era comissário de munições [escreveu Lyons], uma reunião foi realizada com os comissários de mais alto escalão, e o principal assunto a ser discutido foi a fome então prevalecente na Ucrânia. Um funcionário levantou-se e fez um discurso sobre essa tragédia – a tragédia de milhões de pessoas morrendo de fome. Ele começou a enumerar os números da morte... Stálin o interrompeu para dizer: “Se apenas um homem morre de fome, é uma tragédia. Se milhões morrem, são apenas estatísticas”.³²

Lyons não citou uma fonte, mas ele ou Stálin quase certamente pegaram emprestado a frase de Kurt Tucholsky, que por sua vez a atribuiu a um diplomata francês: “Guerra? Não acho tão terrível. A morte de um ser humano é uma catástrofe. Cem mil mortos – é uma estatística”.³³ Encontramos uma versão dessa mentalidade em nosso tempo, como observou Eliezer Yudkowsky: “Pessoas que nunca sonhariam em machucar uma criança ouvem falar de um risco existencial e dizem: ‘Bem, talvez a espécie humana realmente não mereça sobreviver’. O desafio dos riscos existenciais para a racionalidade é que, sendo as catástrofes tão grandes, as pessoas adotam um modo diferente de pensar. Mortes humanas de repente não são demasiadamente ruins, e previsões detalhadas de repente não requerem mais nenhum conhecimento”.³⁴

Devemos pelo menos tentar dar sentido às estatísticas. Levando em consideração os graves defeitos de fontes históricas, podemos dizer que provavelmente houve em toda a história registrada sete grandes pandemias com vítimas acima de 1% da população mundial estimada, das quais quatro mataram mais de 3% e duas – a peste de Justiniano e a peste negra – mais de 30%, embora o número da primeira possa muito bem ter sido consideravelmente menor.³⁵ Da mesma forma, os dados disponíveis sobre a mortalidade decorrente da guerra apontam para a existência de um pequeno número de conflitos muito letais. Dados do físico L. F. Richardson e do cientista social Jack Levy, bem como outros estudos mais recentes, apontam para sete guerras em grande escala que mataram mais de 0,1% da população mundial estimada no momento em que eclodiram. As duas Guerras Mundiais foram os conflitos mais mortais da

história em termos absolutos. Na análise de Richardson, de todos os “conflitos mortais” entre 1820 e 1950, as Guerras Mundiais foram as únicas guerras com magnitude 7, ou seja, as únicas com um número de mortos na casa das dezenas de milhões. Elas foram responsáveis por três quintos de todas as mortes em sua amostra, que incluiu homicídios, guerras e tudo o mais.³⁶ As Guerras Mundiais mataram cerca de 1% e 3%, respectivamente, da população mundial em 1914 e 1939. Pode ter havido conflitos comparativamente devastadores em períodos anteriores, notadamente as guerras da era dos Três Reinos na China do século III, entre as dinastias Han e Jin.³⁷ Em termos relativos, ou seja, em relação às forças combatentes mortas, a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870) está classificada entre as mais mortíferas da história moderna, embora seja mais ou menos desconhecida fora dos países que a combateram: Argentina, Brasil e Uruguai, que se uniram contra o Paraguai. No geral, portanto, os patógenos foram significativamente mais letais do que as guerras. Na verdade, a maioria das pessoas que perderam a vida na Guerra da Tríplice Aliança morreu de alguma doença, não de ação inimiga. De acordo com as estimativas de Cirillo e Taleb, “nenhum conflito armado matou mais de 19% da população mundial”.³⁸ Os conquistadores mataram muito menos pessoas da América Central e do Sul do que as doenças que trouxeram da Europa, às quais os povos indígenas não resistiram.³⁹

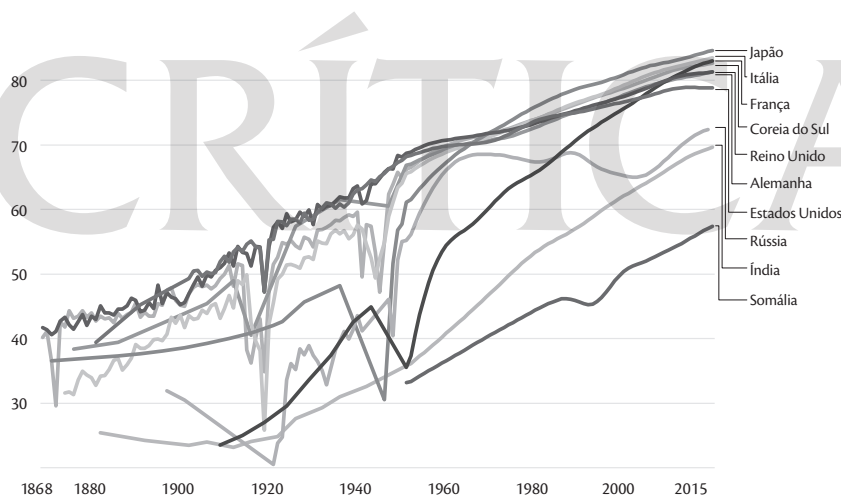
Exercícios semelhantes podem ser realizados para guerras civis, bem como genocídios ou democídios – assassinatos em massa de populações, distintos das fatalidades incorridas em uma guerra interestatal. O total de vítimas do stalinismo na União Soviética pode ter ultrapassado 20 milhões – uma “estatística” de fato. Taxas de mortalidade superiores a 10% também foram estimadas para o reinado de terror de Pol Pot no Camboja, bem como para as guerras civis no México (1910-1920) e na Guiné Equatorial (1972-1979). Na lista de magnitude 6 de Richardson de conflitos mortais, seis em sete foram guerras civis: a Rebelião Taiping (1851-1864), a Guerra Civil Americana (1861-1865), a Guerra Civil Russa (1918-20), a Guerra Civil Chinesa (1927-1936), a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e a matança comunal que acompanhou a independência e partição da Índia (1946-1948).

Estamos inclinados a supor que nenhum século foi tão sangrento quanto o XX. No entanto, a violência exemplar infligida pelo líder mongol do século XIII Genghis Khan teria reduzido as populações da Ásia Central e da China em

mais de 37 milhões – um número que, se correto, é equivalente a quase 10% da população mundial naquela época. As conquistas de Tamerlão no fim do século XIV na Ásia Central e no norte da Índia também foram notavelmente sangrentas, com um número de mortos estimado em mais de dez milhões. A conquista manchua da China no século XVII pode ter custado a vida de até 25 milhões de pessoas. Além do Taiping, várias rebeliões chinesas anteriores a 1900 e sua supressão causaram sofrimento humano em uma escala que pode ter se igualado à do sofrimento infligido ao povo da China pelas guerras civis do século XX, ou até a excedido. Acredita-se que a Rebelião de An Lushan, no século XVIII, tenha custado a vida a mais de 30 milhões de pessoas. Também foram devastadoras para as províncias afetadas as rebeliões quase contemporâneas de Nien e Miao e as rebeliões muçulmanas em Yunnan e no noroeste da China. Nesses casos, o número de mortos deve ser inferido dos censos provinciais e locais realizados antes e depois das rebeliões. Os declínios parecem implicar taxas de mortalidade que variam de 40% a 90%, embora, mais uma vez, seja provável que doenças e fome tenham causado tanta morte quanto a violência organizada, e provavelmente muito mais.

Finalmente, há motivos para pensar que as taxas de mortalidade decorrentes de alguns episódios de conquista e colonização da Europa Ocidental nas Américas e na África tenham sido tão altas quanto as do século XX. Como observado, a esmagadora maioria das vítimas da conquista europeia das Américas sucumbiu à doença, não à violência; portanto, aqueles que falam de “genocídio” rebaixam a cunhagem da terminologia histórica tanto quanto aqueles que chamam de “holocaustos vitorianos” a fome do século XIX na Índia. No entanto, a escravidão forçada do povo congolês pela coroa belga após 1886 e a supressão do levante hereró pelas autoridades coloniais alemãs em 1904 são comparáveis aos atos de violência organizada do século XX. A proporção da população estimada como morta no Congo sob o governo belga pode ter chegado a um quinto. A taxa de mortalidade estimada na Guerra dos Hererós era ainda mais alta – mais de um em cada três, tornando-se, nessa medida, o conflito mais sangrento de todo o século XX. O número absoluto de mortos, no entanto, foi de 76.000, enquanto cerca de sete milhões foram mortos no Congo entre 1886 e 1908.⁴⁰ Embora seja convencional normalizar os dados calculando percentagens, devemos sempre lembrar que, no ritmo de Stálin, um milhão de mortes é sempre um milhão de tragédias – um milhão de mortes prematuras e

dolorosas –, quer o denominador esteja numerado na casa das dezenas de milhões ou bilhões, ou se eles tenham sido executados por duas superpotências em guerra ou um milhão de assassinos. Richardson ficou surpreso ao descobrir que, enquanto as guerras mundiais foram responsáveis por cerca de 36 milhões de mortes – cerca de 60% de todas as “contendas mortais” em seu período de 130 anos –, a próxima maior categoria foram os eventos de magnitude 0 (conflitos em que morreram uma em cada três pessoas), que foram responsáveis por 9,7 milhões de mortes. As demais 315 guerras registradas, combinadas com todos os milhares de contendas de tamanho intermediário, foram responsáveis por menos de um quarto das baixas de todas as brigas mortais.⁴¹ Devemos também levar em consideração o fato de que, graças ao aumento da expectativa de vida, uma morte no século XX – especialmente nos países ricos da Europa e América do Norte – quase sempre implicava uma perda maior em termos de anos de vida ajustados pela qualidade do que uma morte em eras anteriores.



Expectativa de vida ao nascer, 1868-2015

(o número médio de anos que um recém-nascido viveria se o padrão de mortalidade em determinado ano permanecesse o mesmo ao longo de sua vida).

Não é de surpreender que muitos dos maiores desastres econômicos da história tenham coincidido com as grandes pandemias e conflitos discutidos anteriormente, mas nem todos. A Grande Depressão, que geralmente é datada a partir

da quebra da bolsa de Wall Street, em outubro de 1929, foi uma consequência de desequilíbrios estruturais na economia mundial, um sistema rígido de taxas de câmbio fixas, protecionismo empobrecedor e erros de política monetária e fiscal. O economista Robert Barro compilou a melhor lista global disponível de desastres econômicos do século XX, classificada por seu impacto sobre o produto interno bruto (PIB) real *per capita*, bem como suas consequências financeiras. De 60 quedas de 15% ou mais no PIB real *per capita*, 38 foram atribuíveis à guerra e suas consequências, enquanto 16 foram resultado da Grande Depressão. Dos 35 países em sua amostra, os maiores declínios (cada um de 64%) foram na Grécia de 1939 a 1945 e na Alemanha de 1944 a 1946. As experiências da Segunda Guerra Mundial nas Filipinas e na Coreia do Sul não foram muito melhores: cada uma sofreu reduções do PIB *per capita* de 59%.⁴² Como o Reino Unido tem séries temporais excepcionalmente longas, permitindo que indicadores econômicos modernos sejam estimados pelo menos nos últimos três séculos – e para a Inglaterra até o fim do século XIII –, podemos também identificar anos de severas dificuldades econômicas em períodos anteriores. De acordo com o Banco da Inglaterra, o pior ano da história econômica inglesa foi, de fato, 1629^{1*} (quando a economia teve uma retração de 25%), com o ano de 1349 (queda de 23%) em um segundo lugar próximo. A última retração anual maior que 10% ocorreu em 1709, quando a atividade econômica foi drasticamente reduzida em toda a Europa pela “Grande Geadá”, o inverno mais frio em quinhentos anos, que foi atribuído à atividade excepcionalmente baixa de manchas solares conhecida como Mínimo de Maunder, bem como às erupções vulcânicas nos dois anos anteriores no Monte Fuji, no Japão, e em Santorini e Vesúvio, na Europa.⁴³ O pior ano do século XX foi 1921 (menos 10%), uma época de forte deflação do pós-guerra e alto desemprego.⁴⁴ No entanto, nenhum período de cinco anos pode se comparar ao fim dos anos 1340, um período em que a peste negra reduziu a população em mais de 40%. No meio do caminho, o ano de 2020 parecia provavelmente testemunhar a pior contração da história britânica desde 1709 – no fim de junho, o Fundo Monetário Internacional previa uma redução de 10,2% no PIB.⁴⁵

1 * O motivo da severidade da retração de 1629 não é imediatamente óbvio: a guerra com a Espanha estava indo mal, mas o principal teatro de operações naquele ano foi o Caribe. O ano é mais conhecido pelos historiadores políticos como o início dos onze anos do “governo pessoal” de Carlos I sem um parlamento.

Existem, no entanto, limites para o que possa ser obtido a partir de dados econômicos. Como aprendi ao escrever uma dissertação sobre a hiperinflação alemã de 1923 e novamente ao estudar as consequências financeiras da eclosão da Primeira Guerra Mundial, os tempos de crise mais intensa também são tempos em que as estatísticas econômicas deixam de ser coletadas ou são feitas apenas de forma irregular. O Banco Mundial tem uma coleção de dados abrangente que inclui o PIB *per capita* para quase todos os países do mundo desde 1960. Mas, se olharmos para os países que sofreram as maiores perturbações econômicas e políticas nos últimos sessenta anos – Afeganistão, Camboja, Eritreia, Iraque, Líbano, Somália, Síria, Venezuela e Iêmen –, não nos surpreenderemos com o fato de que, em cada caso, há lacunas nos dados que coincidem com os tempos de interrupção máxima. Quem pode dizer com precisão o quanto foram severos seus desastres econômicos?⁴⁶ Tudo o que sabemos é que esses mesmos países podem ser quase todos vistos perto do topo do Índice de Estados Frágeis, anteriormente uma classificação de Estados “falidos”.⁴⁷ Um outro desafio é a descoberta (à primeira vista paradoxal) de que o período de 1914-1950, uma época de Guerra Mundial, depressão e colapso da globalização, foi também um período em que o desenvolvimento humano – medido amplamente em termos de expectativa de vida, educação, porcentagem da renda nacional gasta em projetos sociais e nível de democracia – avançou significativamente em uma ampla frente.⁴⁸

O desastre, em resumo, é mais difícil de quantificar do que se pode supor, mesmo na era moderna das estatísticas. O número de mortos costuma ser impreciso. Para entender a importância de um desastre, precisamos saber não apenas o número absoluto de cadáveres, mas também o excesso de mortalidade – o número de mortes que não teriam acontecido de outra forma, em relação a uma linha de base calculada como uma média dos últimos anos. Ao tentar avaliar a escala de um desastre, a escolha do denominador pode fazer uma grande diferença. O que foi uma fome catastrófica para algumas partes de Bengala em 1943, como veremos no capítulo 6, parece totalmente menor se o número de mortos for expresso como uma porcentagem de toda a população indiana e dificilmente registrado em relação à população mundial no contexto da pior guerra do mundo. Meu objetivo, no que se segue, é permitir ao leitor comparar as diferentes formas que as catástrofes assumem, não afirmar que todas elas são de alguma forma iguais. Até setembro de 2020, a Covid-19 havia

matado cerca de 0,0114% da população mundial, tornando-se a 26ª pandemia mais desastrosa da história. A gripe espanhola de 1918-1919 foi cerca de 150 vezes mais mortal. Mas, para as cidades mais afetadas, nos meses em que foram mais atingidas pela Covid-19, ela foi tão ruim quanto a gripe espanhola, se não pior. Considerando a mortalidade excessiva, abril de 2020 na cidade de Nova York foi quase 50% pior do que outubro de 1918 e três vezes e meia pior do que setembro de 2001, o mês do ataque terrorista de 11 de Setembro ao World Trade Center.⁴⁹ No primeiro semestre de 2020, a população de Londres foi atingida duramente pela Covid-19, como acontecera com os ataques de foguetes alemães na segunda metade de 1944, confrontando o governo em cada caso com um desafio comparável: como proteger as pessoas de uma ameaça letal sem paralisar a cidade.⁵⁰ Isso não equivale a igualar a Al-Qaeda ou os nazistas ao vírus Sars-CoV-2, mas é apenas para mostrar que o desastre, no sentido de excesso de mortalidade, pode assumir diversas formas e, ainda assim, representar desafios semelhantes.

Cada morte prematura, como Stálin pode ter dito, é em certo sentido uma tragédia; quanto mais jovem é a vítima, mais dolorosa é a morte e maior é a tragédia. Como mostra o próximo capítulo, no entanto, alguns desastres são mais autenticamente trágicos que outros.